

VOSS – UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DO FASHION SHOW DE ALEXANDER MCQUEEN

Bruna Costa Nogueira (UFMS)¹

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma possibilidade de leitura e análise semiótica do desfile *VOSS*, idealizado pelo estilista Lee Alexander McQueen e acontecido em Londres no ano 2000, na coleção Primavera/Verão. Através de uma pesquisa que situa a moda como um sistema mais complexo que as concepções comerciais que usualmente lhe são atribuídas, o texto estabelece uma linha do tempo que esclarece o funcionamento das estruturas da moda, tal qual explana a estética de Alexander McQueen a fim de conseguir estabelecer as conexões que ajudam a focar a moda como passível de uma, ou melhor, de várias possibilidades de leitura, mais profundas, densas e poéticas. Para isso, o trabalho se dedica a um processo de descrição e análise do desfile *VOSS* e segue o percurso de aplicação sugerido por Lúcia Santaella em *Semiótica Aplicada*, 2005, onde são necessárias três formas distintas de olhar para um mesmo fenômeno: o olhar contemplativo, seguido de um olhar onde se procura a unicidade do momento e por fim, um olhar que encontre uma generalização para encaixar as particularidades. Por meio de uma pesquisa bibliográfica e imagética serão analisados alguns dos 73 looks apresentados, assim como a ambientação, música e demais elementos cênicos que compuseram o espetáculo, para assim, tentar desvendar - ao menos encontrar indícios - a narrativa proposta pelo estilista. Para essa análise, a semiótica Peirciana será a chave para a decodificação dos símbolos e signos, no entanto, a história da moda e sua cronologia também se fazem necessárias para auxiliar nesse processo de compreensão do desfile *VOSS*.

Palavras-chave: *VOSS*. Alexander McQueen. Semiótica.

¹ Doutoranda em Estudos de Linguagens.

INTRODUÇÃO

Para que seja possível fazer uma leitura semiótica coesa de um desfile ou editorial de moda é preciso compreender do que se trata o conjunto no qual esses elementos estão inseridos, é preciso saber que a moda não é apenas o vestir, a tendência ou a convenção de flores nas coleções de primavera e tons terrosos nas coleções de inverno. A moda é um sistema complexo, que para além do aspecto comercial, engloba vestuário, estilo de vida e principalmente o comportamento.

O mercado da moda, como conhecemos hoje, começou em meados do século XIX, por volta do ano de 1850, em um momento em que as roupas ainda eram feitas sob medida, havendo pouca ou nenhuma oferta de roupas prontas para comprar e vestir. Por conta disso, as tendências caminhavam mais lentamente, pois uma roupa precisava ser usada e vista por outros para assim ser desejada e copiada. A grande democratização da moda passa a se desenrolar por volta dos anos 1950, com o surgimento do chamado *Prêt-à-porter* (em tradução livre: pronto para vestir), roupas de lojas como conhecemos hoje, prontas para vestir. (STEVENSON,2010)

Com as roupas prontas para vestir, a produção manufaturada e as grandes redes de lojas que passam a distribuir essa produção, passamos a ter mudanças muito rápidas na moda. As coleções e tendências são rapidamente substituídas por uma nova, sendo assim, o tempo de cada tendência, de estar na moda é muito curto, o indivíduo logo procura substituir aquilo que veste pela nova tendência. Os desfiles também são parte importante nesse processo, o que antes acontecia naturalmente – as pessoas andavam pelas ruas com suas roupas, que eram depois copiadas – passa a acontecer em passarelas que simulam esse vai e vem das ruas. As semanas de moda (*fashion weeks*) são o acumulado desses desfiles e visam trazer diretrizes para a moda que será vendida nas lojas e usada pelo grande público. (FOGG, 2014). Nas semanas de moda são desfiladas peças únicas, feitas à mão, com materiais mais nobres e com mais camadas de conceito e reflexões acerca do vestir, da arte e dos corpos – *Haute Couture/ Alta Costura* – e não necessariamente são as roupas que estarão nos corpos do público, mas serão reinterpretadas, diluídas e inseridas no pronto para vestir – *Prêt-à-porter* – ou ainda, serão copiadas e levadas para as lojas de *Fast Fashion*, como *Zara* e *Forever 21*, por exemplo.

Temos então uma questão de hierarquia no sistema da moda: A Alta-Costura trabalha as referências artísticas, históricas, os novos materiais e todas as possibilidades que o estilista, enquanto artista, desejar colocar na passarela; seguido do *Fast Fashion*, onde a tendência apresentada na passarela é copiada, sofrendo poucas adaptações, e colocada nas lojas; e por último, temos o Pronto pra Vestir, onde a tendência é reinterpretada pelas grandes confecções e aplicada nas roupas para as grandes redes de lojas – *Adidas, GAP, Riachuelo*, etc. – Todas as grandes grifes como *Dior, Alexander McQueen, Chanel* e *Hermès*, também tem roupas prontas pra vestir, o que acontece é que as marcas adaptam suas próprias coleções da Alta-Costura para que sejam produzidas e vendidas em larga escala.

Aqui será trabalhado um desfile de Alta-Costura, o topo de cadeia no sistema da moda, pois é nesse momento de criação, que a moda mais passa por processos de pesquisa, de experimentações criativas e referências artísticas, tornando mais possível uma leitura semiótica e imagética da moda. O desfile escolhido se intitula *Voss*, feito pela grife *Alexander McQueen* no ano de 2001, para o seguimento Primavera/Verão. A grife é encabeçada pelo estilista de mesmo nome, e para entendê-la um pouco mais, é preciso conhecer mais de seu criador.

ALEXANDER MCQUEEN E SUA ESTÉTICA

Quando se fala do estilista Lee Alexander McQueen, 1969 – 2010, refere-se a uma obra povoada de desfiles e peças provocativas, cheias de agressividade visual, sarcasmo e ironia, que colocaram o estilista em um novo lugar da moda, mais próximo das artes e bastante desvinculado dos aspectos comerciais dessa indústria. Alguns aspectos são bastante evidentes em sua criação, como a teatralidade em seus desfiles e o uso sistemático de recursos provocativos e do choque estético causado pela escolha das temáticas, dos materiais ou dos modelos. O estilista usava para suas criações, tudo aquilo que é comumente desprezado pelo ambiente da moda, seja material ou conceitual. Foi comum para McQueen utilizar retalhos, fósseis, insetos, armaduras, flores secas, animais no formol, lascas de madeira, tecidos manchados, rasgados e de pouco valor econômico (PALOMO-LOVINSKI, 2010). No campo dos conceitos, McQueen desfila modelos albinos, amputados, gordos, negros retintos, com vitiligo ou qualquer outra particularidade que possa diferencia-los do modelo usual da moda e ao mesmo tempo evidenciar a maneira como os corpos são tratados por esse sistema.

McQueen sempre deu pistas de que sua obra é pensada como um todo: as peças nos desfiles, os ensaios fotográficos, os acessórios, tudo é parte de um movimento constante que segue coleção após coleção, evidenciando que o processo é uma grande história contada em vários atos. Nada em suas criações aparenta ser uma escolha ao acaso, são todas pensadas dentro de um imaginário já estabelecido: uma narrativa concisa povoada de seres híbridos, animais, máquinas, Amazonas, bonecas e quimeras. Suas criações são pontes entre a antiga e a nova noção de moda e, com elas, uma série de novas opiniões e conceitos passaram a ser discutidos na moda do século XXI. O impacto de sua obra vai além da tendência e move a moda para um diálogo que ultrapassa a roupa e chega a uma esfera maior (PALOMO-LOVINSKI, 2010).

Nessa esfera maior de pensamento acerca da moda é que podemos desenvolver uma leitura semiótica de um desfile, seja de Alexander McQueen ou de outros estilistas. Seguindo o percurso de aplicação sugerido por Lúcia Santaella (2005), são necessárias três formas distintas de olhar para um mesmo fenômeno: abrir-se para ele, com um olhar contemplativo e disponível para aquilo que acontece diante dos olhos; seguido de um olhar onde se observa atentamente a situação, encontrando momentos únicos naquilo que está sendo experienciado; e por último, devemos lançar um olhar que encontre o lugar geral onde se encaixe essas particularidades. A análise feita aqui em diante, tem como objetivo perceber algumas das questões provocativas presentes na estilística do autor, e com o auxílio da semiótica, trazer novas possibilidades de leitura e camadas de significado para a moda, que é um assunto bastante presente nos cotidianos e mesmo assim, um objeto de pouco interesse para leituras mais complexas e não atreladas ao viés de mercado.

3. VOSS - O DESFILE

O desfile *Voss* aconteceu na cidade de Londres, no dia 26 de setembro de 2000, sendo o lançamento da coleção Primavera/Verão da grife Alexander McQueen. Foram apresentados 73 *looks*², que estão acessíveis online por meio de um compilado em vídeo de pouco mais de 11 minutos de duração.³ Não há contato entre público e modelos, a passarela foi construída no interior de uma enorme caixa de vidro espelhado, os modelos e o público só enxergam seus próprios reflexos, não

² Look: palavra que no âmbito da moda não tem tradução para o português. Se trata de toda a composição criada em cada modelo em um desfile ou foto editorial de moda. O look é composto por toda a vestimenta, maquiagem, calçados, acessórios e demais elementos que o modelo esteja sustentando no momento do desfile ou da foto.

³ O desfile completo, em vídeo – https://www.youtube.com/watch?v=nK_KA9U9rQo&ab_channel=RossSatterfield

conseguem se ver durante o desfile. O chão no interior da caixa é de azulejos brancos, assim como as molduras dos espelhos são de madeira branca e os rodapés e frisos das paredes são de material acolchoado também branco. A luz vem do teto, que conta com uma estrutura branca onde dezenas lâmpadas de luz branca foram instaladas. No centro da caixa de espelhos está uma caixa menor, de aparência desgastada e enferrujada, e na parede de fundo estão duas portas, uma em cada extremidade, por onde entram e saem as modelos.

Figura 01 - Quimono



Fonte: Revista Vogue UK - <https://br.pinterest.com/pin/307792955784195623/>

O desfile inicia com peças bastante funcionais e de usabilidade acessível, os 9 primeiros *looks* apresentados são: vestidos e blusas com aplicações de tecidos e plumas, ternos ajustados, calças de alfaiataria, todos sem estampa e de cores sóbrias, como bege, preto e um tom de salmão pálido. O modelo de número 10, quebra com o que foi desfilado até então, trata-se de um quimono cinza bordado com flores, folhas e pássaros, que se completa com um grande adorno de cabeça, retangular e também bordado (Figura 01).

Dos *looks* de número 11 até o de número 21, são apresentados vestidos curtos, saias, camisas ajustadas e adornadas com gravata fina, e também aparecem as primeiras estampas – uma mescla de preto e branco presentes em dois pares de calça e no único *collant* apresentado no desfile – temos a predominância de uma paleta de tons cinzas mais claros que os anteriores e pouca presença de tonalidades de rosa, que já haviam aparecido anteriormente.

Figura 02 - Pássaros



Fonte: Revista ELLE - <https://br.pinterest.com/pin/483644447477910531/>

Já dos *looks* 22 ao 30, a paleta de cores sofre uma mudança: são apresentadas diversas tonalidades de verdes, algumas incidências de marrons e de uma tonalidade mais intensa de rosa. São vestidos, calças e paletós de recortes menos comuns e com menor usabilidade, as plumas longas aparecem em bastante evidência, e o *look* de número 24 chama atenção especial pelo adorno de cabeça composto de falcões empalhados (Figura 02). Dos *looks* 31 até 47 acontece a inserção de materiais que não haviam sido desfilados até então. Entre blusas e ternos de modelagem mais soltas, aparece um vestido longo branco, uma saia e uma blusa pretas, feitas com conchas de ostras, recortadas e polidas. A cor azul aparece pela primeira vez, em tonalidades claras que gradativamente caminham para o cinza. Preto, cinzas claros e escuros, além de tonalidades de bege, marrom e dourado, juntamente com algumas estampas nas mesmas tonalidades compõe esse trecho do desfile, que mescla roupas de recorte simples e boa usabilidade, com silhuetas e acessórios típicos de passarela e com muito apelo conceitual. O *look* de número 36, é um exemplo desse lado mais conceitual: um vestido de corpo simples com um grande acessório, em formato de castelo, no ombro direito (Figura 03).

Figura 03 - Castelo



Fonte: Revista Highlike - <https://br.pinterest.com/pin/345721708885548421/>

Do 48º aos 73º *looks* apresentados, a reta final do desfile, o preto, o branco e bordados em vermelho passam a figurar entre as estampas das roupas. São desfilados alguns vestidos, blusas e ternos de modelagem solta, recortes simples e aplicações de plumas. Em contrapartida, também ficam para a reta final do desfile algumas peças com recortes e construções incomuns: saia, quimono e vestido longo em bordados vermelhos e aplicação de plumas pretas; dois vestidos em plumas brancas de avestruz; um corpete e uma máscara, ambos vermelhos e confeccionado em material rígido, com estampas brancas que simulam renda; e o *look* final: um vestido de gala confeccionado em lâminas para microscópio, tingidas de vermelho, e plumas de avestruz tingidas de preto (Figura 04)

Figura 04 - Final



Fonte: Revista Anothermag - <https://br.pinterest.com/pin/248753579406308366/>

A luz e a trilha sonora do desfile são constantes: música eletrônica, com um som de fundo que se assemelha ao som de batimentos cardíacos. Toucas nas cabeças, sapatos de salto nos pés maquiagem – pálida e leve – também são elementos comuns a todas as modelos. Após a passagem da última modelo (Figura 04), a luz se apaga até que ela se retire completamente do palco e a música é substituída por um som de bip intermitente sobreposto ao som de batimentos cardíacos. Em seguida, o som se transforma, os batimentos se tornam um bip constante, ao mesmo tempo em que a caixa menor, que estava no centro do palco, solta suas paredes, que estilhaçam no chão. No interior da caixa está uma modelo nua, deitada em uma espreguiçadeira e usando o que se parece com uma máscara de gás, além de algumas mariposas que estão posadas em seu corpo e outras que saem voando com a abertura da caixa. Ao término, a luz oscila e o público começa a aplaudir, ao mesmo tempo em que as demais modelos retornam ao palco e param com as mãos encostadas no vidro, viradas para o público. A música retorna, as palmas continuam e o estilista entra, faz uma breve reverência para o público, pega uma das modelos pela mão e vai rumo a saída. As demais modelos também seguem para a saída, a única que permanece na mesma posição é a que está deitada. Com a saída das modelos, as luzes se apagam definitivamente e o desfile se encerra.

O significado da palavra *Voss* não consta no dicionário, no entanto, há uma cidade na Noruega, de mesmo nome, e buscando pela origem de seu nome, chegamos ao significado de mar ou onda, em

Nórdico Antigo⁴. A cidade de Voss também é conhecida por ser um local com muita atividade de esportes radicais, caminhadas e observações de vida selvagem, o que pode, ou não, ter alguma relação com o título e o conteúdo da coleção.

Os desfiles, ou melhor, os *Fashion Shows*, como são chamados no mundo da moda, costumam se iniciar rigorosamente no horário, e *Voss*, por sua vez, começou aparentemente com 60 minutos de atraso, nos quais o público ficou sentado se encarando nas paredes de vidro espelhado da caixa e ouvindo um som de batimentos cardíacos. Vez ou outra a luz era acesa por alguns segundos no interior da caixa, deixando que os presentes tivessem acesso ao que estava acontecendo. No entanto, o público seguia sem saber que o desfile havia começado no horário previsto, e nesse tempo, os modelos e a equipe de produção que estavam no interior da caixa, tiveram a oportunidade de assistir ao público, uma jogada do estilista para, ao menos nesse momento, inverter os papéis de observador e observado. Ao mesmo tempo, essa inversão pode ser compreendida como uma alusão a um movimento constante na moda, que é o dos estilistas e grifes que buscam inspiração e referências no uso das roupas pelo público comum: suas adaptações, suas particularidades de uso, customizações e sobreposições que não foram pensadas anteriormente e etc. O público se inspira nas passarelas, que por sua vez, se inspiram na moda que acontece de maneira orgânica no vai e vem das ruas. Não há um observador fixo nessa relação.

O ambiente interno da caixa é todo branco, conta com azulejos no chão e partes acolchoadas nas paredes, deixando impressões de que se trata de uma grande sala cirúrgica ou algum quarto para a contenção de pacientes psiquiátricos, que costumam ter as paredes acolchoadas. O único elemento que destoa do branco, é a caixa menor, de aparência suja e enferrujada, que está instalada no centro da grande caixa de vidro. Outras evidências acabam surgindo ao longo do desfile que permitem ler esse ambiente como um possível hospital psiquiátrico: a maquiagem pálida, uso de toucas e golas nas roupas que remetem a paramentações cirúrgicas, quimonos com contenção para os braços, como nas ‘camisas de força’ e, principalmente, a forma como as modelos desfilam. Muitas andam cambaleando, se esbarram e seguem sorrindo de forma neurótica; outras desfilam olhando para os lados; espantando coisas com as mãos; falando e gesticulando; destruindo as próprias roupas e se aproximando na tentativa de enxergar através do vidro. Não é uma simples passagem para mostrar o caimento e os detalhes da roupa.

Essa leitura, de um ambiente de loucura, também está presente na construção das peças, que apresentam recortes assimétricos, acessórios pouco funcionais, ou tem a modelagem muito ampla, outras são muito apertadas, aparentando não pertencer a pessoa que a veste. Algumas peças sufocam a modelo em uma profusão gigante de plumas, outras são construídas de modo a reduzir a mobilidade, também existem as sobreposições costuradas, de camisas com vestidos e gravatas, partes de paletós unidos a plumas, blusas e acessórios feitos de papel, além das máscaras e corpetes de materiais indefinidos, dos animais empalhados, das roupas feitas com um acumulado de conchas, outra com lâminas de microscópio, uma infinidade de materiais e formas de se juntar, que se assemelha a forma como os loucos se vestem e produzem vestimenta e arte (BIRMAN, 2017).

O uso de materiais vivos – madeira, seda, penas, plumas, couro, escamas – e pouco convencionais, são característicos das criações de McQueen. As plumas, a seda, o couro, as flores secas e os animais empalhados que estão na coleção *Voss*, são recorrentes e colaboram para a criação

4 Rygh, Oluf (1919). *Norske gaardnavne: Nordre Bergenhus amt* (em norueguês) (12 ed.). Kristiania, Norge: WC Fabritius & sønners bogtrikkeri. p. 527.

de uma visão de que sua obra é cheia de barbárie e de que a mulher é retratada de maneira violenta em seus desfiles e editoriais. Nunca foi intenção do estilista retratar mulheres de natureza dócil ou ingênua, sua preferência está em mostrar a natureza destemida, agressiva, sexual e selvagem das amazonas, bruxas, prostitutas, loucas, sobreviventes e etc. A mulher nunca está massacrada ou indefesa em suas criações, está armada, encapuzada, vestida com armaduras e couraças, pois para ele, se não forem caçadoras, logo serão a caça, e enquanto caçadoras, os homens devem temer as mulheres, devem ficar chocados com sua entrada (PALOMO-LOVINSKI, 2010).

Voss nos coloca diante de mulheres com aparência ríspida, que apresentam pouco do padrão esperado de feminilidade, entretanto, corpos comuns nos desfiles, a manequim padrão para a moda. Com a saída da última modelo, a trilha sonora muda e a iluminação pisca, com isso, a caixa menor ao centro da passarela, de aparência suja e enferrujada, começa a se abrir. Nela encontramos uma modelo e uma situação nova, diante do que foi visto até aquele momento. Deitada, imóvel em uma espreguiçadeira está a modelo Michelle Olley (Figura 05), nua, com uma máscara de oxigênio e conectada por tubos a estrutura da caixa, como se a mesma fosse a placenta que a nutre. Estão com ela mais de uma dezena de mariposas, algumas posadas no corpo, outras saem voando pelo espaço da passarela.

Figura 05 – Michelle Olley



Fonte: L'Officiel USA - <https://br.pinterest.com/pin/389139224042103477/>

O fato das mariposas estarem enclausuradas junto da modelo pode ser lido de diversas maneiras: no Japão e em parte da Ásia, por exemplo, as mariposas são usadas como um símbolo do feminino e por conta de serem animais dotados de um ciclo de metamorfose, onde a crisálida fica imóvel, mantendo energia e se transformando até o momento de eclodir, também são símbolos de renascimento, de ressurreição (CHEVALIER 1986). Esse corpo que surge após a abertura da caixa, acaba de renascer e ainda está ligado a estrutura por meio dos fios e tubos que levam o oxigênio até ele. A diferença física das modelos apresentadas até o momento e de Michelle Olley são visíveis: seu

corpo não é o padrão que costumamos encontrar nas passarelas, é um corpo mais próximo do real, mais fácil de encontrar do lado de fora da grande caixa do que no lado de dentro. O uso da máscara denota que esse corpo não está em seu habitat natural, vem de fora do ambiente das mulheres loucas desfiladas anteriormente, esse corpo aguardou, foi nutrido durante todo esse tempo, para então sair do casulo ao final. Mesmo com todos os *looks* singulares que foram apresentados, é o corpo gordo e nu da modelo que gera o grande impacto e encerra o desfile.

Assim como o público começou o desfile se assistindo ao longo de 60 minutos em um espelho, os modelos também tiveram de desfilarem só para si, não houve interação entre os ambientes durante esse percurso, cada um ocupou. O único momento em que houve uma contaminação entre o que vem de fora e o que vem de dentro desse sistema, foi quando a caixa, de aparência suja e enferrujada, se quebrou, revelando um novo corpo, que agora estava em um ambiente inóspito, mas que lembrava ao público que eles também são parte desse sistema, que estão dentro e fora. Não há quem não ande na moda, não há corpo alheio ao sistema e que consiga se esquivar. Tudo o que se veste, todas as cores, formas e corpos, já estiveram ou estarão um dia nas passarelas.

CONCLUSÃO

Alexander McQueen não aparentava usar nada por acaso em suas criações, constantemente deixava claro suas questões estilísticas e filosóficas com a moda, que já não se trata do vestir e vai muito além do adorno do corpo. Com McQueen ela constrói uma história significativa artisticamente e socialmente, que tem início com sua abordagem sarcástica em relação a indústria, mas que se expande para reflexões acerca de toda a complexidade do sistema da moda: o que ele representa, o que esconde, o que é real, e principalmente, existem as normas ou elas são apenas ironia?

O estilista se firmou por ser um dos nomes a subverter essa estrutura, usar os materiais e mostrar os corpos indesejados do público de maneira que eles, e também a crítica, estivessem esperando boquiabertos por isso. Com sua obra é possível vislumbrar que existe um mundo mental nos bastidores da moda que é ainda mais espetacular e fantástico do que aquele estampado nas capas de revistas e nas passarelas.

REFERÊNCIAS

- BIRMAN, Joel. **A voz de Deus e as mãos de Bispo** – Arte e loucura da escrita pictórica de Arthur Bispo do Rosário. Revista latino-americana de psicopatologia fundamental. São Paulo, Volume 20, número 4, p. 786 – 805, dez. 2017.
- CASTELO, Figura 03. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/345721708885548421/> . Acesso em: 24/11/20
- CHEVALIER, Jean. **Diccionario de los símbolos**. Barcelona: Editora Herder, 1986.
- FINAL, Figura 04. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/248753579406308366/> . Acesso em:
- FOGG, Marnie. **Tudo sobre moda**. Rio de Janeiro: Sextante, 2014.
- MICHELLE OLLEY, Figura 05. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/389139224042103477/> . Acesso em: 25/11/20
- PALOMO-LOVINSKY, Noël. **Os Estilista de Moda mais Influentes do mundo**: a história e a influência dos eternos ícones da moda. Barueri: Girassol,2010.
- PÁSSAROS, Figura 02. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/483644447477910531/> . Acesso em: 23/11/20
- QUIMONO, Figura 01. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/307792955784195623/> . Acesso em: 23/11/20
- SANTAELLA, Lucia. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Thomson, 2005
- STEVENSON, NJ. **Cronologia da moda**: de Maria Antonieta a Alexander McQueen. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.